

# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento  
(Organizador)



# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento  
(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Eduardo do Nascimento

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R314 Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2 /  
Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-375-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.757210508>

1. Educação. 2. Ciência e Tecnologia. I. Nascimento,  
Eduardo do (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES








Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.








## DECLARAÇÃO DA EDITORA


A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE RIO DAS ANTAS E A GUERRA DO CONTESTADO (1911-1916)	
Márcia Janete Espig	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS NA REGIÃO DO CONTESTADO	
Mônica Grandó	
Jane Suzete Valter	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A PEDAGOGIA PRÁTICA DE JOÃO MARIA DE AGOSTINI	
Cleber Duarte Coelho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA DA EPT NÃO LICENCIADA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE	
Emanuelle Alves de Medeiros	
Eduardo do Nascimento	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MÉTODOS DE MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UNIÃO DA VITÓRIA/PR	
Cléria Maria de Melo	
Bruna Aparecida Alves da Silva	
Mariane Félix da Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
CONSERVAÇÃO, INSERÇÃO E EXPANSÃO DE ABELHAS NATIVAS SEM FERRÃO NA APP E NO ENTORNO DO IFSC CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL-RAU	
Anderson José Antonietti	
Mário Cesar Sedrez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
CORES E FRAGMENTOS NO MOSAICO ARTÍSTICO DO CONTESTADO	
Rita Inês Petrykowski Peixe	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CULTURA E TECNOLOGIA NA REGIÃO DO CONSTESTADO: PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PROJETO GRUPO DE DANÇA GAÚCHA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CÂMPUS VIDEIRA	
Leila Lisiane Rossi	
Bruno Pergher	
Angela Maria Crotti da Rosa	
Lizete Camara Hubler	
Maurício Natanael Ferreira	
Luiz Gustavo Moro Senko	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
DISPUTAS PELA MEMÓRIA DO TERRITÓRIO CONTESTADO: UM MAPEAMENTO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA CABOCLA	
João Felipe Alves de Moraes	
Diego Gudas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
ELEMENTOS PARA A PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO INSTRUMENTO DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES NO CONTEXTO INTERIORANO BRASILEIRO	
William Douglas Gomes Peres	
Letíssia Crestani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
ESTUDO DO USO DE DETERGENTE NO CONCRETO NA REGIÃO OESTE CATARINENSE	
Simone Aparecida da Silva Souza	
Débora Fátima Alberici	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>126</b>
ESTUFA PARA CULTIVO DE PLANTAS UTILIZANDO ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL LED: MONITORANDO GRANDEZAS ELÉTRICAS E AMBIENTAIS ATRAVÉS DE UM APLICATIVO PARA INTERNET DAS COISAS	
Cláudio Eduardo Justin de Freitas	
Lucas José da Rosa	
Yuri Matheus Scheuer	
Anna Baasch Raizer	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
IMIGRAÇÃO HAITIANA NA MICRORREGIÃO DE CONCÓRDIA: ASSOCIAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	
Jordan Brasil dos Santos	


Jonathan Viana da Silva  
Leon Mclouis Borges de Lucas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050813>

**CAPÍTULO 14..... 151**

INQUÉRITOS FORJADOS NO FIO DA DEGOLA: MAURICIO DE LACERDA E O DEBATE NACIONAL ACERCA DO CONTESTADO

Viviani Poyer


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050814>

**CAPÍTULO 15..... 164**

JOGOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariquiel dos Santos


Claudio Adão da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050815>

**CAPÍTULO 16..... 174**

MEMÓRIA REDIMIDA: O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO MONGE JOSÉ MARIA COMO PERSONAGEM DE RPG

Christian Yuri Machowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050816>

**CAPÍTULO 17..... 184**

O NOVO VALE DOS IMIGRANTES: O CONFLITO ENTRE ECONOMIA E CULTURA

Alexandre Lima de Oliveira

Francine Soares de Almeida

Karen Wesseler Jung

Daniel Granada da Silva Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050817>

**CAPÍTULO 18..... 192**

O PATRIMÔNIO CULTURAL E INDUSTRIAL PRESENTE NO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

Lara Lima Felisberto

Merilena Alves de Lima Bueno

Juliana Aparecida Biasi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050818>

**CAPÍTULO 19..... 205**

OS HABITANTES DA GUERRA DO CONTESTADO (1912 – 1916): UMA ANÁLISE SOBRE O USO DO TERMO “CABOCLO” NA LITERATURA SOBRE O CONFLITO


Nathan Marcos Buba

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050819>

**CAPÍTULO 20.....218**

PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NAS UNIDADES DE TRIAGEM DO MUNICÍPIO DE JOAÇABA


Mariana da Silva Barreto  
Eduarda de Magalhães Dias Frinhani  
Renata Fornari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050820>

**CAPÍTULO 21.....231**

PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA CÂMPUS CAÇADOR


Bianca Gonçalves Sousa de Moraes  
David Ferreira Severo  
Diogo Moreno Pereira Carvalho  
Marta Ferreira da Silva Severo  
Mayara Tsuchida Zanfra  
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050821>

**CAPÍTULO 22.....243**

PROTAGONISMO DISCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA OPORTUNIDADE PARA A DESCOBERTA DA AUTONOMIA


Ana Claudia Viero  
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento  
Eduardo do Nascimento Karasinski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050822>

**CAPÍTULO 23.....253**

SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO


Natan Schmitz Kremer  
Alexandre Fernandez Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050823>

**CAPÍTULO 24.....265**

SIMBOLOGIA CEMITERIAL NO CONTESTADO: LINGUAGEM, ARTE E RELIGIOSIDADE PROPOSITIVAS TEÓRICAS

Alcimara Aparecida Föetsch


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050824>

**CAPÍTULO 25.....277**

SUCESO DA ATER EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NA REGIÃO DO CONTESTADO EM SANTA CATARINA: CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DE UMA REDE DE ATORES

José Antônio Louzada  
Guilherme Radomsky

Marcelo Antônio Conterato


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050825>

**CAPÍTULO 26.....289**

TERRITORIALIDADE CABOCLA E DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Gabriela Haswany de Almeida

Katya Regina Isaguirre-Torres


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050826>

**CAPÍTULO 27.....300**

TERRITÓRIO E TENSÕES DE TERRITORIALIDADES: UM DEBATE SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL DO CONTESTADO

Marcia Chmura

Diane Daniela Gemelli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050827>

**CAPÍTULO 28.....314**

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O RETRATO DE UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

Andrea Alves Cavalet

Hillevi Maribel Haymussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050828>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....326**

## SIMBOLOGIA CEMITERIAL NO CONTESTADO: LINGUAGEM, ARTE E RELIGIOSIDADE PROPOSITIVAS TEÓRICAS

*Data de aceite: 23/07/2021*

### **Alcimara Aparecida Föetsch**

Professora, Universidade Estadual do Paraná  
UNESPAR  
União da Vitória

**RESUMO:** Arquivo testemunhal e elemento inegavelmente necessário à toda paisagem cultural comunitária, o cemitério transcende sua função utilitária primordial quando explorado à luz da simbologia e da semiótica. Linguagem, arte e religiosidade constituem apenas alguns olhares possíveis, mas que revelam e descortinam práticas rituais, expressões culturais e sincretismos plurais expressos na última morada, no lugar de repouso eterno. Disto partindo, nos propomos a dialogar com a simbologia cemiterial presente na região do Contestado evidenciando, teoricamente, aspectos materiais e intangíveis em forma de objetos, elementos e rituais cuja significação funciona como gatilho e extensão da memória, sugerindo uma reflexão sobre o campo santo para além do assombro e do temor midiático. Defendemos a categorização do cemitério enquanto patrimônio cultural das comunidades a partir do direito à memória e da Educação Patrimonial, elencamos perspectivas conceituais e sugerimos dimensões de análise empírica destes lugares de memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contestado; Simbologia Cemiterial; Patrimônio.

### **1 | INTRODUÇÃO**

Ao tomar o cemitério enquanto objeto de contemplação, reflexão e investigação torna-se indispensável considerar o campo das representações, o que somente se torna possível se calibrarmos nosso olhar para a simbologia e a semiótica, num contemplar de privilegiados. Acreditamos que o cemitério possui atributos comunicativos e o percebemos enquanto grandioso teatro que retrata cenas da vida humana nos dispondo a analisar teoricamente as manifestações múltiplas desse espaço de sociabilidades na região do Contestado, a partir da arte, da linguagem e da religiosidade.

Para tanto, é necessário adentrar o campo dos significados, dos sentidos e dos valores percebendo o caráter funcional e simbólico que não está na materialidade, mas no espetáculo performativo. Investigamos a representação tumular e o altar, sua arquitetura, estilo construtivo, jardim funerário, discutindo protestos, expressões e regionalismos neste palco de consagração e prestígio. Analisamos as habitações familiares e a nuclearização do espaço após a morte, discutimos o retrato mortuário, as fotografias e a representação da imagem ideal por meio da personificação visual. Percebemos as oferendas e os presentes “do outro” para os falecidos, suas expressões e significados que se sacralizam aos serem presenteados e evidenciam a diversidade



cultural e religiosa presente.

Apreciamos a botânica funerária, viva ou representada, sua linguagem cromática e sensível que esconde a morte na beleza do túmulo, são afetos sensoriais para além de elementos decorativos com papel essencial de significado e comunicação. Por fim, notamos os recordatórios, despojos e relicários cujas recordações guardam valor afetivo dos falecidos, são informações dos ofícios em vida, referências ao passado experienciado e significações de notoriedade.

Dessa maneira, acreditamos que imagens e objetos que compõe a simbologia funerária e constituem o invisível fazem do cemitério um lugar de comunicação, cuja linguagem artística e religiosa permite falar dos mortos e dos acontecimentos passados como se fossem tempo presente, do longínquo como se fosse próximo e do escondido como se fosse manifesto. Assim, intentamos a categorização dos cemitérios enquanto patrimônio dos lugares, os consideramos fruto de distintos momentos históricos e reveladores de conjunturas sociais sendo, portanto, cenários culturais no Contestado.

Estando sob a guarda e proteção da Igreja ou do Poder Público, a sobreposição de suas camadas revela a ritualização do luto e a teatralidade da morte: são epitáfios, dizeres, iconografias, mensagens, saudações, imagens, estilos construtivos tumulares, adornos, recordatórios e relicários que revelam as práticas performativas atreladas à signos materiais que podem ser evidenciados pela Educação Patrimonial, propositiva relevante à valorização do planalto Norte-catarinense e da região Sul-paranaense.

## 2 | SIMBOLOGIA CEMITERIAL: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS

“O cemitério é o grande leito destinado ao repouso eterno dos filhos de Eva, em peregrinação pela superfície do orbe terraqueo, grandioso teatro, onde se representam as cenas da vida humana, cercadas do falso brilho com que se adornam os vaidosos, a ponto de esquecerem que todos os homens são iguaes perante a lei da criação” (BAPTISTA, s./d., p. 21).

Acreditamos que o cemitério comunica com a sociedade por meio de uma relação simbólica e projetiva que transcende sua função utilitária básica, a de depósito de restos humanos. Os objetos e elementos materiais dispostos no mobiliário funerário acionam o campo intangível das emoções e das memórias, porém “significados, sentidos, valores, memórias, identidades e emoções não estão nos objetos, mas nas pessoas que lhes atribuem” (TAVARES, RIBEIRO e BRAHM, 2019, p. 28). Dessa maneira, a alma não é imanente ao objeto (que é inanimado), “seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos” (MENESES, 1998, p. 91), no entanto, estes servem, à bem da verdade, na qualidade de gatilhos, mediadores, “extensões de memória” (CANDAU, 2014).

Disto partindo, compreendemos que a memória dos objetos está em seu valor identitário, emocional, informacional e documental, uma vez que estes são inseridos em esquemas interpretativos, nos quais a “arte funerária é um tipo de construção repleta

de simbolismo” (BORGES, 2002, p. 172), sendo uma forma de representação que está ligada “à cosmovisão de determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, interpretando a vida e a morte. Essa interpretação pode ser feita através de um conjunto de símbolos ou de uma obra narrativa, utilizando-se materiais variados” (REZENDE, 2007, p. 57), pois a “cidade dos mortos emite toda uma simbologia, figurativa ou não, uma arquitetura e uma estatuária, nas quais se refletem os novos afetos familiares e uma consciência diversa da imortalidade” (VOVELLE, 1997, p. 29).

Pomian (1985) coloca que os objetos do mobiliário funerário são sacrificados para serem oferecidos aos mortos e nos apresenta importantes questionamentos: Isso significaria um colecionar de objetos para se expor ao olhar? Por mero e puro prazer estético? Quem seriam esses “expectadores visuais” (p. 63). Na continuidade das provocativas interpelações, questiona para que e para quem servem esses objetos e se o intuito seria uma exposição ou uma decoração (!?). Catroga (2010) responde que:

[...] a progressão da campa individual, do jazigo, do epitáfio, da estátua e, por fim, da fotografia (relembre-se que a descoberta da fotografia – essa nova ilusão da paragem oval e sépia do tempo – é contemporânea da revolução cemiterial romântica) deve ser vista como uma consequência iconográfica dos novos imaginários, quer estes apontem para fins escatológicos, quer se cinjam à memória dos vivos. E, para que a simbólica do cemitério (a localização) lhes correspondesse, a materialização dos signos exigiu a fixação do cadáver (isto é, um monumento), de modo a ser nítida e inequívoca a evocação (a imagem, o símbolo, o epitáfio narrativo) e a identificação do ausente (a epigrafia onomástica). (p. 169).

Tavares, Ribeiro e Brahm (2019) destacam que os elementos cemiteriais são “artefatos culturais concebidos ao mesmo tempo com caráter funcional e simbólico que, ao longo da história, a sociedade produziu para expressar seus sentimentos diante da morte” (p. 27), ressaltando que “a memória social de materializa por meio da utilização de símbolos identitários, que por sua vez constroem os lugares de memória (p. 135). Estes mesmos autores, na trilha dos escritos de Pomian (1997) ao investigar o campo relacional entre objeto e sujeito no sentido dos semióforos, destacam que no caso das simbologias “transgredimos a realidade concreta do objeto (o cenário cemitério) e adentrarmos no campo do subjetivo - do invisível” (p. 51), agregando o espectro simbólico, em outras palavras, “os objetos enquanto semióforos são responsáveis por trazer o que está longe para perto, a morte para a vida, o ausente para o presente, o que está no vácuo do esquecimento para a luz das recordações” (TAVARES, RIBEIRO e BRAHM, 2019, p. 52). Nestas proposições, o semióforo consiste em “alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica, por seu poder para estabelecer uma mediação entre o visível e o invisível” (CHAUÍ, 2000, p. 09).

Daí entram os ritos, aqui “entendidos como condutas corporais, mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, que exigem um tempo, um espaço cênico e um certo tipo de actores: Deus (ou os antepassados), os oficiantes e os

fiéis participantes do espetáculo” (CATROGA, 2010, p. 165). Os rituais são protagonistas do drama e do consenso que os unifica, possuem eficácia simbólica e performativa, com efeito dentro do horizonte da crença, visto que o símbolo funerário “é metáfora de vida e convite a uma periódica ritualização revivificadora; ele é para ser vivido e ajudar a viver, oferecendo-se assim como um texto, cuja compreensão mais afectiva (a dos entes queridos) mobiliza, antes de mais, toda a subjectividade do sobrevivente” (p. 172).

Catroga (1999) indica uma série de símbolos comumente presentes em túmulos e que trazem uma mediação religiosa ou não, sendo que “encontra na cruz a expressão suprema” (p. 113) da cristandade. Ele cita, por exemplo, o anjo da fé como parte desta visão católica e ainda a subida da alma para o paraíso na imagem do anjo, o pássaro com asas, o sol alado, a barca, a chave, a ampulheta alada, a mulher ascendendo. Menciona também símbolos da “marcha do tempo: o crânio, a tibia cruzada, as foudes da morte, as gadanhas, as tochas invertidas [...] a ampulheta partida [...], o relógio” (idem). Costa (2016) ao refletir sobre as obras de arte a partir do espaço funerário, conceitua afirmando que todo objeto “resultante de uma intenção, representativa e/ou expressiva, realizado com preocupações estéticas que, desse modo, envolva o belo e os sentimentos que suscita nos seres humanos, pode constituir uma obra de arte” (p. 08), acrescentando que é:

[...] possível buscar na obra de arte significados mais aprofundados, desde a decodificação do tema, os aspectos alegóricos ou mitológicos e sua simbologia até a investigação de novos meios perceptivos e reflexivos, dirigidos à abertura de novas possibilidades expressivas. No discurso associável às obras, a descrição dos elementos formais constitui a iconografia, e a **interpretação de seus significados simbólicos, a iconologia**. (COSTA, 2016, p. 09 – destaque nosso).

Nisto evidencia-se e destacamos o papel da iconografia que, por sua vez:

[...] é o estudo de ícones e símbolos artísticos, e as famílias costumam escolher as figuras alegóricas mais representativas de seus sentimentos em relação à pessoa falecida, com referências à sua bela passagem pela vida, ou para registrar a dor causada por sua ausência. Arte tumular ou funerária é o nome dado a essas representações realizadas com finalidades memoriais e honoríficas, que se ligam diretamente ao contexto histórico, ideológico, social e econômico no qual essa pessoa viveu e morreu. (COSTA, 2016, p. 10).

A partir deste olhar analisamos os **túmulos e os altares**, compreendendo que o “túmulo é o cofre em que se arrecadam as preciosas cinzas do heroe, do benemerito da patria, do sempre chorado chefe de família” (BAPTISTA, s./d. p. 03). Catroga (2010) coloca que:

[...] o túmulo deve ser lido como uma totalidade significativa que articula dois níveis bem diferenciados: o invisível (situado debaixo da terra) e o visível [...] camada semiótica tem por papel encobrir o cadáver, transmitindo às gerações vindouras os signos capazes de individuarem e ajudarem a re-presentação, ou melhor, a re-presentificação do finado. E é por causa dessas características que é lícito falar, a propósito da linguagem cemiterial, de uma

Reis (1991) ao versar sobre o espaço sagrado do morto, ou seja, o lugar da sepultura, destaca que uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa e o "morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos. [...] Na Polônia da segunda metade do século XIX, os afogados representavam a categoria de mortos mais frequentemente transformados em 'demônios'" (p. 171). Neste sentido, afirma o autor, que era importante morrer em terra firme, para ser enterrado em um local sagrado.

Catroga (2010) coloca que depois das propostas iluministas que expulsaram os mortos do território dos vivos surgiu uma nova afetividade que se manifestou na crescente personificação funerária e numa maior dramatização da perda e do luto, segundo ele a "sensibilidade romântica irá explicitar o sofrimento causado pela morte do outro, e a sepultura - tal como outrora na velha Roma - impôs-se como o palco central do culto" (p. 176). Gómez (1993) coloca que a função das sepulturas é a de "transmitir a las generaciones venideras el recuerdo del difunto, dejar marcado en el tiempo quién fue en vida y hacerlo sobrevivir através de una poética de la ausencia" (p. 288).

Valladares (1972) ao analisar a arte e a sociedade brasileira por meio dos cemitérios afirma que era "e sempre foi, desejo do abastado, distinguir-se através de uma marca perene, de um objeto de consagração - o túmulo" (p. 280), acrescentando que o supérfluo faz parte do processo de diferenciação social, notadamente quando se almeja prestígio para o nome da família. No mesmo sentido, Santos (1997) destaca que é próprio dos monumentos, como os dos cemitérios, comunicar um conteúdo ou um significado de valor, visando recordar um fato ou personalidade, pois "não somente assinala a condição social ou econômica dos proprietários mediante o luxo, como também repetindo símbolos de prestígio que se tomam emprestados dos monumentos-modelos" (p. 119). Valladares (1972) fala, ainda, sobre o enaltecimento dos materiais locais na construção dos túmulos e sepulturas, para ele em "quase todos os cemitérios encontram-se túmulos construídos com materiais típicos da localidade, parecendo propósito de enaltecimento regionalista" (p. 453).

O túmulo, portanto, ou o "monumento tumular se torna lugar de memória, sua edificação oportuniza o direito à memória, à imortalização do sepultado na terra" (BASTIANELLO, 2010, p. 98). Valladares (1972) ao se referir aos protestos no túmulo, coloca que em "quase todas as necrópoles há exemplos de inscrições que denunciam e protestam a morte violenta, ou o sofrimento moral ligado ao fim da vida do sepultado" (p. 605), que, segundo ele corresponde "a uma forma de vingança" (idem), numa ideia de protesto lapidário.

Percebemos uma tendência à nuclearização da família após a morte num ideário de unidade e continuidade, são as **habitações familiares**. As sepulturas passam a ter uma nova concepção funcional, a da "sepultura como habitação familiar" (URBAIN, 1978,

p. 91). Neste sentido, Valladares (1972) destaca que, também nos cemitérios, as “famílias usuárias que tratam suas capelas como se fossem prolongamentos de suas próprias casas, levando para os jazigos os mesmos arranjos decorativos que o seu nível cultural lhes permite refletir” (p. 583). Wenczenovicz (2007) ao estudar os imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul, coloca que:

O sepultamento, no mais das vezes, ocorria em espaço já adquirido pela família. Geralmente, era escolhido o lugar onde a pessoa residia ou nas proximidades, de modo a facilitar o transporte e também garantir sempre a presença da família em datas previstas para as homenagens ao falecido. O cemitério era a segunda morada da família, onde descansavam em lugar comum muitas gerações que a morte, enfim, não conseguiu separar. É a vinculação a essa segunda existência que torna a família indissolúvel. (p. 231).

Catroga (2010) explica que a morada do morto é vista também como a “‘casa’, e que a sepultura, tal como a casa da família (dos pais, dos avós), tenha passado a ser o outro centro privilegiado de identificação e de filiação de gerações” (p. 168-169), ressaltando que “todas essas necessidades simbólicas fizeram da necrópole um *analogon* da cidade dos vivos” (p. 169). Nunes (2018) ao investigar em sua Tese de Doutorado em Educação o bilinguismo português/polonês na constituição disposicional e na prática buscando traçar perfis sociológicos de descendentes de poloneses no município de São Feliciano, no Rio Grande do Sul, revela que uma “visita ao cemitério dos poloneses em Dom Feliciano revela que isso era uma prática comum, pois são inúmeros túmulos antigos com a escrita em polonês e que mantém a tradição de sepultar várias pessoas da mesma família em jazigos” (p. 200).

Catroga (2010) coloca que o núcleo forte de reconstrução é a família, que produz um sentimento de pertença e auto-reconhecimento de parentesco, pois “pode dizer que a filiação é uma fidelidade a um patrimônio simbólico, cujo último fim é a reprodução do próprio grupo familiar” (p. 174). Motta (2010), estudando a questão dos cemitérios oitocentistas brasileiros no final do século XVIII, coloca que “nos túmulos acumulavam-se os cadáveres, cada um conservando parte de sua individualidade, invocando lembranças comuns, memórias genealógicas, pois os túmulos passaram a ser também habitações familiares” (p. 56).

Também no campo das simbologias cemiteriais, tem-se a relevância **do retrato mortuário**, associado à máscara da imagem ideal. As fotografias mortuárias surgiram na Europa a partir do século XVIII, no entanto “o custo de pinturas e máscaras mortuárias era alto; logo a fotografia se tornou a forma mais barata e oportuna” (BONI, 2011, p. 293). Ruby (1995) destaca que “retratos fotográficos em túmulos são conhecidos do início da era do daguerreotipo até os dias presentes e logicamente seguem a ideia do retrato mortuário. A vasta maioria destas imagens retratam o falecido vivo e sozinho. Raramente as imagens mortuárias ou de funerais são usadas” (p. 142-143). Borges (1995) coloca

que “a proliferação da imagem fotográfica em um mesmo túmulo, encontrada atualmente, chega a transformar alguns deles num verdadeiro álbum de família público, com o qual se pode até traçar a árvore genealógica da família” (p. 177).

A fotografia deve retratar a tranquilidade e a paz do fotografado, fixando uma imagem ideal “uma espécie de máscara de eterna presença pela paz que emanava [...], uma espécie de boa morte e de sua presença eterna junto ao Senhor e no olhar para os seus ainda vivos” (KOURY, 2001, p. 68). Soares (2007) coloca que o retrato mortuário ou as fotografias fúnebres são representações de pessoas já sem vida, ao passo que os retratos ou fotografias cemiteriais constituem as fotografias realizadas em vida, mas que passam a representar os corpos sepultados e adornar as sepulturas. No entanto, embora “atualmente os retratos mortuários causem desconforto e até alguma aversão, isso não acontece com os retratos presentes nos cemitérios, pelo simples motivo de que neste caso as fotografias representam os mortos quando ainda estavam vivos” (SOARES, 2007, p. 122). O mesmo autor destaca que “pode-se pensar que a necessidade de se preservar a imagem do morto, produzindo a sua representação, ou seja, sua efígie, seu retrato, decorre principalmente da intenção de enfrentar a dor da perda” (p. 19), preenchendo vazio e lutando contra o esquecimento.

Almeida (2011) coloca que à fotografia, ao retrato mortuário e às fotografias gravadas em porcelana “será atribuído o poder de evocação, realismo, precisão e fidelidade revestindo-a de uma aura que ultrapassa a função ornamental. Trata-se da cristalização do desejo de evocar, personificar e memória daquele que não se encontra mais no mundo físico” (p. 10) e cuja representação visual é congelada por um instantâneo, evidenciando expressões de jovialidade, seriedade, inocência, sobriedade, respeito, autoridade. São estímulos à visitação, ao culto e à celebração da memória, simbolizam presença do ausente.

Elementos marcantes também na simbologia cemiterial são as **oferendas e os presentes** “do outro” para o falecido. Trata-se de alegorias, pinturas, vitrais, artesanato, que “objetivam transmitir informações transcendentais ao significado literal presente nos objetos representados [...] por meio da linguagem figurativa” (COSTA, 2016, p. 10). Pomian (1985) ao se referir às oferendas, destaca que estas ao se tornarem oferendas adquirem um valor sagrado, sacralizam-se os presentes como pedras, pedras, tecidos, joias, objetos artísticos. Valladares (1972) versa sobre a pintura nos cemitérios brasileiros e sugere uma conceituação ampla ao afirmar que na “largueza dêsse conceito, a pintura pode ocorrer mediante o uso de materiais insólitos e utilizáveis apenas por sua inerência colorística, percívél ou não” (p. 283), ou seja, uma simples alteração de cores em qualquer superfície com propósitos estéticos.

Motta (2010) explica sobre os anjos e os arcanjos adultos que, mediadores entre céu e terra, “ocuparam posição privilegiada na decoração tumular” (p. 63). Suas fisionomias comumente retratam tristeza, alegria, êxtase, saudade, inconformismo, esperança, desolação, romantismo, ao passo que suas expressividades no movimento,

em especial das asas, simboliza repouso (fechadas) ou voo (abertas, inclinadas). O mesmo autor ainda fala sobre a figura feminina no cemitério, ressaltando que foi no início do século XX como resultado de uma dimensão mais laicizada da arte tumular que se iniciou a “ênfase nas figuras femininas” (p. 63) destacando que inclusive “os anjos, fiéis guardiões dos túmulos, passaram a ser representados de forma mais humana, adquirindo maior volume sob o pretexto de realçar as curvas do corpo feminino” (idem), como as pietás, sofredoras, piedosas, Nossas Senhoras. Além destes, outros demais símbolos são encontrados no espaço cemiterial, como a ampulheta que representa o passar do tempo; as asas cuja designação incluem-se os anjos, arcanjos, serafins e querubins; os Santos que simbolizam a devoção do ser ali sepultado, relacionada à imagem colocada sobre o túmulo, representando a proteção da alma pelo santo devotado; as coroas que podem aparecer sob diversas formas, inclusive como atributo de diversos santos, representando a vitória e a soberba; a Cruz Latina que reflete a sorte e a esperança, representando o sacrifício e o sofrimento - a morte através da crucificação de Cristo; os vasos, sendo que existem algumas formas de se utilizar este símbolo: o vaso vazio representa o corpo sem alma; o vaso com lírio representa a anunciação (mensagem do Anjo Gabriel a Maria sobre o mistério da encarnação); o vaso com óleo santo, que não é comum em locais a céu aberto, representa a glória e a paz; e por fim, o vaso com um pássaro pousado na borda que representa a eterna felicidade; a tocha que carrega o fogo que simboliza a traição, desta forma, representa a paixão; e, ainda o próprio mausoléu que materializa a magnitude, a grandeza e o luxo.

No entanto, dentre todas as simbologias cemiteriais existentes, a botânica funerária, viva ou representada, possui linguagem própria e singular. A linguagem cromática, formas e odores, buscam não só esconder a morte sob a beleza das flores e plantas, mas também dar significado ao espaço. Vão do túmulo aos espaços coletivos, do jardim funerário ao parque do campo santo. Fernández (1993), ao propor um diálogo acerca da botânica funerária, coloca que:

La vegetación de un cementerio cumple funciones muy distintas a las de un parque público o de un paseo. Un jardín fúnebre es un lugar al que acuden personas angustiadas por la pérdida de un ser querido y retornan para recordarlo en algún momento. Además de los aspectos paisajísticos de la vegetación, és preciso tener en cuenta en las intervenciones en estos jardines los efectos sensoriales que van a producir en los visitantes y en dotario de un simbolismo, que en gran medida, puede enriquecer este entorno” (p. 89).

E acrescenta ainda que os símbolos que a vegetação pode representar podem ser classificados da seguinte forma: “simbólica del color, de la forma, de la fragancia, de la inmortalidad, de la paz, de la humildad, del recuerdo, del amor, de la virtud curativa, de las luces y sombras, de la brevedad de la vida, etc. (idem, p. 91)”. Fernández (1993) ainda acrescenta algumas interpretações: a cor verde transmite paz e serenidade (o verde é a cor da regeneração da primavera, por isso simboliza também a imortalidade da alma); os



ciprestes são símbolo de nível de santidade, são usados em oferendas e adornos, é planta perene e aromática; a thuya é símbolo de vida; as palmeiras são símbolo de imortalidade, símbolo dos vencedores, do triunfo do bem sobre o mal, triunfo da vida e recompensa eterna; a usência de plantas espinhosas representa paz, tranquilidade e quietude; a vegetação herbácea simboliza humildade, como hiedra e violeta; o simbolismo da recordação se representa pela sempre-viva (*Helichrysum stroechas*), de flores amarelas, a cor representa a luz que anuncia a glória celeste e as flores continuam bonitas depois de secas (aí sua simbologia); as plantas medicinais, como as malvas; e ainda, a cor amarela simboliza luz, representada nos tajetes, cravo de morto, calêndulas; sendo as cores adequadas mais adequadas o azul e o violeta.

Em seu texto, “*Lo que susurran las flores del cementerio*”, Ángel Enrique Salvo Tierra (2020) destaca que no cemitério encontramos vários símbolos e, dentre eles, flores e plantas desempenham um papel essencialmente mensageiro, afirmando que “las causas finales del jardín funerario, arte y naturaleza se integran en pos de un mensaje común: el eterno retorno. Así, los conceptos de sueño eterno y renovación de la vida han sentado las bases, en todas las culturas, del arte jardinístico funerário” (s./p.). O autor ainda exemplifica:

El símbolo viático más antiguo que podemos encontrar tallado en mausoleos de nuestras necrópolis es el fruto de la adormidera, siempre usado en los rituales funerarios, incluso en las culturas prehistóricas ibéricas, como símbolo de un deseado dulce sueño eterno. Ese deseo es precisamente el origen del significado de la palabra cementerio. El origen etimológico es la palabra griega koimitirion, la habitación del sueño eterno (s.p.).

Valladares (1972) relatava que neste período “o recurso colorístico da decoração da arte tumulária, largamente usado, realiza-se com a flor de matéria plástica” (p. 288), acrescentando que estas funcionam como “elemento de ligação de tôdas as classes sociais, desde o túmulo de milionários até a marca atributiva dos enterrados da vala comum. Raros são os sepultados que escapam dêste inexorável elemento decorativo” (idem).

Por fim, a simbologia cemiterial também pode ser interpretada a partir das **reliíquias, despojos, recordatórios, relicários**, que possuem valor para o próprio falecido, que não foram a ele apresentados, mas que representam seu passado, sua identificação, seu ofício em vida. Estes, para Pomian (1985) representam não só o sagrado, mas também o passado. Valladares (1972) esclarece que é possível encontrar em vários cemitérios “o nome da família gravado de acordo com o logotipo que celebrizou algum produto industrializado de sucesso: marcas de chapéus, de tecelagem, sapatos, etc. Este fato tem uma certa significação.” (p. 583). Segundo o autor, corresponde a um sinal de nobilitação social, como uma emblemática e versando sobre a questão das pinturas na arte funerária brasileira, acrescenta que “verifica-se a existência, em tôda área de nosso trabalho, de túmulos com representações, desenhadas ou pintadas, de cenas da vida do morto, em trabalho cotidiano, ou em atos solenes e religiosos, como ocorre noutros países, ricos

nesse tipo de arte popular, tradicionalizada” (p. 289).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reminiscências associadas aos campos santos do Paraná e de Santa Catarina, na região do Contestado, os elevam à condição de cenários de encontro e sociabilidade, espaços de homenagem e resistência, saudosismo, distanciamento e ausência. Neste sentido, os cemitérios, espaços de mediação concreta perante a morte, são vivíssimos em práticas sociais e os compreendemos enquanto artefatos materiais, campos teatrais de comunicação, de valor artístico e religioso. Sugerimos, neste texto, perspectivas e dimensões de análise que, a partir destas considerações teóricas, podem embasar ou originar estudos acerca da simbologia cemiterial no Contestado.

Catroga (2010) nos coloca que os símbolos organizam nosso campo imaginário, escrevem um círculo de sacralidade que torna o cemitério “uma espécie de santuário” (p. 171), elemento difusor de um “fazer recordar”, lugar de memória. É justamente neste sentido que o defendemos sua patrimonialização educativa, para além da função religiosa e sanitária, mas como legado cultural público do Contestado. Independentemente de sua localização e origem, seja cemitério eclesiástico, religioso, público, carneira, ossuário, sepulturas individuais ou coletivas, torna-se urgente sua inclusão nas pautas culturais de reconhecimento, valorização e patrimonialização.

Talvez pudéssemos, inclusive, falar de “lugar patrimonial” (CANDAU, 2010, p. 52) visto que que o cemitério é, além de tudo, uma instituição cultural com vida, movimento, ressonância. Tavares, Ribeiro e Brahm (2019) consideram que “os processos de preservação devem se ocupar justamente da vitalidade dessas reminiscências, pelo desejo de memória, mediados pelas afetividades” (p. 14), que Nora (1993) chama de “aura simbólica”. Dessa maneira, é preciso que o cemitério seja visto enquanto um patrimônio com identificação, a aceitação coletiva do bem patrimonial para além do jurídico, é documento onde o intangível é cristalizado pela dimensão material da cultura, pois os “objetos que compõe um patrimônio precisam encontrar ressonância junto ao seu público” (GONÇALVES, 2007, p. 214-215) e existe no cemitério um potencial mediador e, uma forma interessante, seria por meio da dimensão pedagógica de seu patrimônio e das ações preservacionistas. É possível, portanto, que a necrópole se apresente como bem cultural, reflexo de um pensamento histórico, registro de memórias de luta e de guerra, espaço de saber técnico-artístico, repositório da identidade social e, assim sendo, espaço privilegiado para uma Educação Patrimonial. A ausência propositiva de estudos de caso neste texto intenta justamente provocar e suscitar novos olhares e narrativas uma vez que o Contestado é celeiro produtor de lugares de memória.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. das G. de. Imagens fotográficas – a presença do ausente. **Anais**. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: julho de 2011.

BAPTISTA, A. M. **Revista de Monumentos Sepulchraes**. v. 1, f.1. Lisboa, 1868.

BASTIANELLO, E. M. T. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual – 1858 -1950. **Dissertação** (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, RS, 2010.

BONI, P. C. **Fotografia: múltiplos olhares**. 1ª ed. Londrina: Midiograf, 2011.

BORGES, M. E. Arte funerária: representação da criança despida. **Revista História**. São Paulo, 14, 1995. (p. 173-187).

BORGES, M. E. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora c/Arte, 2002.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CATROGA, F. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)**. Coimbra: Minerva, 1999.

CATROGA, F. O culto dos mortos como uma poética da ausência. *In: ArtCultura*. Uberlândia, v. 12, n. 20, Jan./Jun., 2010. (p. 163-182).

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perceú Abramo, 2000.

COSTA, M. A. B. da. (Org.). **Conservação de bens tumulares: caderno dirigido aos concessionários**. São Paulo: Limiar, 2016.

FERNÁNDEZ, A. I. Botánica funeraria. *In: Una Arquitectura para la Muerte*. I Encuentro internacional sobre los cementerios contemporaneos. Junta de Andalucia – Consejería de Obras Publicas y Transportes. Actas: Sevilla, 1993. (p. 89-94).

GÓMEZ, A. A. La sepultura, monumento que construye la memoria de la vida. *In: Una Arquitectura para la Muerte*. I Encuentro internacional sobre los cementerios contemporaneos. Junta de Andalucia – Consejería de Obras Publicas y Transportes. Actas: Sevilla, 1993. (p. 285-290).

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

KOURY, M. G. P. (Org.). **Imagem e memória: ensaios de antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MENESES, U. T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, 1998. (p. 89-103).

MOTTA, A. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. *In: Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n.º. 33, jan./jun. 2010. (p. 55-80).

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. v.10, 1993. (p.07-28). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>, acesso em 30/09/2020.

NUNES, R. B. O bilinguismo português/polonês na constituição disposicional e na prática: perfis sociológicos de cinco descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano/RS. 254 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

POMIAN, K. Coleção. *In: Enciclopédia Einaudi*. 1. Memória-História. Porto: Imprensa Oficial – Casa da Moeda, 1997 (p. 51-86).

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, E. C. M. **Cemitérios**. São Paulo: Nécropolis, 2007.

RUBY, J. **Secure the shadow**: death and photography in América. USA: The MIT Press, 1995.

SANTOS, A. C. M. Entre a destruição e a preservação. *In: SCHIAVO, C.; ZETTEL, J. (Orgs.). Memória, cidade e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. (p. 115-125).

SOARES, M. A. P. Representações da morte: fotografia e memória. **Dissertação** (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TAVARES, D. K.; RIBEIRO, D. L.; BRAHM, J. P. S. **Cemitério e Museu**: Aproximações eletivas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

TIERRA, A. E. S. **Lo que susurran las flores del cementerio**. Disponível em: [https://theconversation.com/lo-que-susurran-las-flores-del-cementerio-141578?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=bylinefacebookbutton&fbclid=IwAR0gZx4BVg4fpCfpGUzrLcykDVyNOnWUswqXjvYj41pXNrGh1SiZrecNk](https://theconversation.com/lo-que-susurran-las-flores-del-cementerio-141578?utm_source=facebook&utm_medium=bylinefacebookbutton&fbclid=IwAR0gZx4BVg4fpCfpGUzrLcykDVyNOnWUswqXjvYj41pXNrGh1SiZrecNk), acesso em 17/09/2020.

URBAIN, J-D. **La Societé de Conservation**: Etude sémiologique des cimetières d'Occident. Paris: Payot, 1978.

VALLADARES, C. do P. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**: um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catatumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VOVELLE, M. **Imagem e imaginário na História**: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

WENCZENOVICZ, T. J. Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945). **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2007.

# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

